



# Genealogias excêntricas: os mil nomes do queer<sup>1</sup>

João Manuel de Oliveira<sup>2</sup>

O queer ainda não chegou. Queer é um ideal. Posto de outra forma, ainda não somos queer. Podemos nunca tocar o queer, mas podemos senti-lo como a iluminação quente de um horizonte imbuído de potencialidade. Nunca fomos queer, contudo esse queer existe como uma idealidade que pode ser destilada do passado para imaginar o futuro. O futuro é o domínio do queer (MUÑOZ, 2009: 2)

O queer como construto cultural tem vindo a ser discutido como um permanente deslocamento: temporalmente como discutido por José Esteban Muñoz (2009), mas também geopoliticamente e em termos de colonialidade. O uso de uma expressão em inglês (porque não o cuir, cu, transviado ou outras formas que as culturas de periferia e semiperiferia foram criando e construindo?) denuncia a sobreposição entre queer e as histórias coloniais, mas também a globalização de uma forma de resistência, dentro de um determinado sistema capitalista na sua incarnação neoliberal a afetar globalmente o mundo. Tomo aqui o queer como código aberto, híbrido para ser usado, mil nomes para ele que implica que cada vez que se use se discuta, dado que o queer deste texto pode não ser o queer de outro. Tal como o género, rizoma (Oliveira, 2013) em vez de conceito. As reflexões sobre a futuridade do queer (MUÑOZ, 2009) versus uma visão do queer como a negação do futuro (EDELMAN, 2004) ilustram como a teoria queer tem vindo a produzir uma visão sobre a temporalidades e os modos de contar determinadas histórias e de chegar a entender o que conta como história. A proposta deste dossier da Periodicus consiste numa imersão no mundo das artes para construir genealogias que contem as dissidências sexuais e de género de outras formas.

Michel Foucault (1984) recorreu o termo genealogia via Nietzsche para procurar produzir formas de investigação histórica que recusem a posição fundacionalista da procura das origens e antes analisem as contingências que tornaram determinados discursos em regimes de verdade. A

<sup>1</sup> O título alude à conferência, Os Mil Nomes de Gaia - do antropoceno à idade da Terra, organizada por Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski no Rio de Janeiro em Setembro de 2014. <https://osmilnomesdegaia.eco.br>

<sup>2</sup> ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

análítica genealógica dos discursos visa entender a afirmatividade do discurso, o modo como um determinado contexto e suas contigências criaram as possibilidades para que determinado discurso se tornasse verdadeiro. Cabe aqui uma crítica á noção de verdade e ao essencialismo, que o uso da genealogia imediatamente torna evidente. O que conta como conhecimento é um produto do poder num determinado momento, o que implica que determinados saberes são reconhecidos e outros subjugados, considerados como desqualificados (FOUCAULT, 1980). Para Gayatri Spivak (1999), o passado é sempre um passado presente, um presente que constrói ativamente a narrativa do passado. A figura do/a historiador/a é uma figura que se constrói nesse processo. No mesmo sentido também discute como a história dominante é sempre uma voluntária (auto)biografia do Ocidente, ainda que mascarada de história desinteressada. É precisamente isto que não queríamos fazer neste trabalho.

As genealogias excêntricas referem-se a estas genealogias outras, que emergem fora dos centros de produção de conhecimento, a partir de conhecimentos subjugados, surgindo das periferias e das semiperiferias, que se apresentam como extravagantes face a uma determinada ordem canónica que normaliza o modo como se conta e que se apresentam como formas de estranhamento do que conta como queer ou como género. Assim são genealogias excêntricas as que nos oferecem um treino da imaginação para a performance epistemológica (SPIVAK, 2013), que nos permitem um apropriação da história queer para contarmos outras estórias que detalham o modo como no mundo da periferia e semiperiferia da colonialidade se vivem, se pensam e se sentem determinadas formas de dissidência de género e sexual. Trata-se de um número especial da *Periodicus* que propusemos, eu e Tiago Sant'Ana, que visa uma análise influenciada pelos estudos de género, teoria queer e estudos pós-coloniais e decoloniais.

As denúncias do colonialismo e das múltiplas operações discursivas (isto é, num sentido foucaultiano de saber/poder) que o Ocidente produziu sobre o mundo colonial e pós-colonial abriram uma série de possibilidades para repensar os modos como os saberes(-poderes) circulam, se tornam práticas, se traduzem, se hifenizam (OLIVEIRA, 2014). Na tecnociência, os saberes transformam-se em híbridos (como o feminismo queer e o feminismo negro são exemplos) e como tal monstros (HARAWAY, 2004), produtores de novas conexões, novas (pós-)compostagens na paisagem contestada do Antropoceno. Esta narrativa é, ao mesmo tempo, demasiado grande e demasiado pequena para falar do nosso tempo: um antropoceno que conta a história dos fatores antropogénicos que (nos) afetam planetariamente, mas que se escusa a localizar estes processos no início do capitalismo (como faz MOORE,



2015). Jason Moore (2015) contesta a lógica simplista do antropoceno por ver apenas factores antropogénicos neste impacto à escala planetária, sem o localizar numa determinada formação social capitalista, daí a terminologia de Capitaloceno, num quadro imperialista e colonial em que uma parte da humanidade é vista a partir do eurocentrismo e que continua a usufruir do estatuto de centro de uma história assente em determinismo tecnológico e no uso de recursos. A proposta de Moore requer uma reconsideração do espaço do geológico para pensá-lo historicamente a partir do mundo atlântico do século XVI, nos processos de expansão colonial e invasão, genocídio e dominação da África, da Ásia e das Américas que fazem parte de um projeto de formação social capitalista que privilegia a interminável acumulação do capital. Esta proposta mostra as consequências planetárias de um projeto capitalista apostado na exploração da natureza como um recurso barato, resultando daí as alterações climáticas e a luta para extrair o máximo de combustíveis fósseis da Terra.

Donna Haraway (2016) propõe o Chtuluceno, a era dos seres/objetos ctónicos, os da Terra, com quem em companhia multiespécies vivemos, que é abordada no artigo **Arte transviada de código aberto** de Tiago Rubini, é uma outra maneira, mais centrada na simbiose como grande modo de relação, se queremos, junto com outros seres e objetos, apanhar o lixo do antropoceno e o exterminismo do capitaloceno. Esta proposta implica uma lógica de reposicionamento reparativo para pensar a Terra, a partir da recusa do individualismo metodológico e do excepcionalismo humano: somos líquens desde o princípio, e como tal, vivemos com xs outrxs como pré-condição pra vivermos. Precisamos de contar outras histórias e de contar estórias de outras formas, como nos mostram vários textos deste dossiê. No texto de Rubini, são também relatadas práticas artísticas que recorrem à cultura do código aberto, ao ativismo e à hibridização presente na tecnociência como formas de produzir outras maneiras de pensar a arte, a política, os géneros. Tal como propõe Haraway (2016), artes, ciências e políticas não colonizadoras são fundamentais para pensarmos em como evitar coletivamente esta catástrofe ambiental que estamos a viver. Uma maneira de produzir mais uma vez genealogias excêntricas, contarmos outras histórias que nos permitam pensar para podermos estar num mundo em que possamos viver.

O texto de Júnior Ratts, **O pênis fala coisas que eu não sei dizer: Para pensar em uma nova história do masculino**, procede à crítica a uma história da humanidade metonimizada na história do Homem que não permite que a história dos homens apareça. Este tipo de operação que recoloca outros sujeitos e objetos acaba por produzir uma história da arte diferente também está presente no texto **Queer como um tratado de guerra: breves anúncios sobre a história do Teatro**



**Queer de Belém do Pará** da autoria de Kauan Amora Nunes. Uma geografia do Brasil Norte, amazónico, mas a fazer parte de um circuito queer, de um futuro queer que é parte de um desejo de futuro, de uma aspiração a ser. Um tratado de guerra às normas, a experiência de teatro queer em Belém do Pará é recontada genealógicamente, mostrando as tensões e fricções desta encarnação amazónica do queer, uma maneira não só de destabilizar o género e a sexualidade, mas de repensar o modo como se faz teatro a partir desse lugar, a partir do Norte do Brasil. Igualmente o texto **A arte de nomear: Leituras (trans)gressoras de género a partir de uma obra dadaísta de Marcel Duchamp**, da autoria de Cláudio Eduardo Resende Alves, Magner Miranda de Souza e Maria Ignez Costa Moreira, propõe uma releitura sobre Rose Selavy, o corpo ready-made e travesti de Marcel Duchamp, que ao ser lida a partir dos estudos de género contemporâneos e da teoria queer, ganha toda uma série de contornos de um queer antes do tempo ou fora das temporalidades que o marcam como objeto histórico, situado nas lutas contra o HIV/SIDA no contexto estadunidense do final dos anos 80 do século XX. Genealogias excêntricas também aquelas que desestabilizam a narrativa de uma datação para um queer estado-unidense que vai circular pelo mundo. Esse modelo de contar implica eliminar as sensibilidades queer fora destes centros e produz um modo único de interpretar e de contar um história. Aqui quisemos precisamente romper com a lógica da historiografia positivista e enveredar pelas genealogias excêntricas como proposta de romper com o projeto colonial que coloca determinados entendimentos de queer como únicos possíveis, no sentido dos mil nomes do queer a que aludimos. Como podemos verificar no trabalho de Violeta Arvin e Jorge Lucero sobre **Imaginário fotográfico de uma selk'nam mestiza**, em que se parte da fotografia que o etnógrafo Martin Gusinde fez dos rituais da cultura Selk'nam. O texto descreve as virtualidades e problemas deste encontro com alguém exterior a uma cultura e que este encontro cruza a cultura capitalista-eurocêntrica com uma cultura de um povo originário que é representado pela fotografia, tecnologia que permite mostrar as tensões e visibilizar o que é desaparecido pela norma colonial. Por outro lado, repensar as práticas artísticas a partir de uma releitura política do género como procede Helen Campos Barbosa no texto **A experiência estética e as visibilidades de gêneros** permite re-elaborar uma partilha do sensível, mostrando como determinadas cantautoras como Karina Buhr podem ser encaradas como artistas.

Uma outra maneira de mostrar as tensões que o queer/cuir/qu\*A\*re<sup>3</sup> provoca é por via da sua articulação no espaço autobiográfico (PINHO & OLIVEIRA, 2013), tomando como ponto de análise esse espaço de autoreflexividade que é marcado pela opacidade parcial da experiência do

<sup>3</sup> Tira-se o A de blAck e coloca-se no meio do Queer, como nos dizia Tim Stutgens (2014) no seu ensaio sobre afrofuturismos queer, apropriando o termo criado por E. Patrick Johnson (2001)



eu para si mesmo (BUTLER, 2005), querendo o outro e o damos conta de nós aos outros como experiência ética marcada pela radical socialidade do humano. O texto **Experimentação de um dispositivo-corpo em uma vivência drag: pesquisar pelo afetar** de Lúcio Costa Giroto, Cristiane Gonçalves da Silva e Maurício Lourenção Garcia mostra como através da reflexividade sobre uma experimentação drag, se evidencia a necessidade de cartografias de trânsitos de gênero e que nos ajudem a compreender de forma experiencial os processos e linhas de fuga colocados em marcha nesta experimentação. Já o texto-palestra-performance de Maria Gil e Miguel Bonneville, **Amor e Política** foi usado como base para uma performance em que ambxs apresentaram as suas visões autobiográficas sobre amor e política, relendo e resignificando entrevistas feitas a mulheres políticas, ativistas e ex-namorados dxs autorxs.

Estes textos ilustram bem uma ideia de genealogias excêntricas. O uso do termo excêntrico refere-se também à acepção a que Teresa de Lauretis (1990: 115) usa para se referir a sujeitos do feminismo:

(...) o feminismo - um movimento social de e para mulheres descobriu o não ser mulher: o paradoxo de um ser que é cativo e ausente no discurso, constantemente falado por outros mas inaudível e inexpressivo de si, exibido como espetáculo e irrepresentado e irrepresentável, invisível e no entanto constituído como objeto e garantia da visão; um ser cuja especificidade é simultaneamente declarada e recusada, negada e controlada.

O excêntrico é este sujeito tão representado e codificado, mas que simultaneamente o não é. Assim nas genealogias excêntricas, um queer que já foi e que ainda não chegou, representado e irrepresentável que não corresponde a um modo hegemônico de contar a mesma história, mas que é disperso no espaço e no tempo, colonial, pós-colonial e decolonial. Deixo-vos com estas genealogias excêntricas para nos recontarmos e a outrxs queers.

---

## Referências

- BUTLER, J. *Giving an account of oneself*. New York, Fordham University Press, 2005.
- EDELMAN, L. *No Future: Queer Theory and the Death Drive*. Durham, North Carolina: Duke University Press, 2004.
- FOUCAULT, M. Nietzsche, Genealogy, History. In P. Rabinow (Ed.) *The Foucault Reader*, New York: Pantheon Books, p. 76-120.
- FOUCAULT, M. Two lectures. In C. Gordon (Ed.) *Power/Knowledge: selected interviews and other writings*, 1980, p. 78-108.
- HARAWAY, D. The promises of monsters: a regenerative politics for innappropriate/d others. In D. Haraway (Ed.) *The Haraway reader*. New York: Routledge, 2004, p. 63-124.



- HARAWAY, D. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*, Durham, North Carolina: Duke University Press, 2016.
- JOHNSON, E. P. "Quare" studies, or (almost) everything I know about queer studies I learned from my grandmother, *Text and Performance Quarterly*, 21, 2001, p, 1-25
- LAURETIS, T. Eccentric Subjects: Feminist Theory and Historical Consciousness. *Feminist Studies*, 16, 1990, pp. 115-150.
- MOORE, J. *Capitalism in the Web of Life: Ecology and the Accumulation of Capital*. London: Verso, 2015.
- MUÑOZ, J. E. *Cruising Utopia: the Then and There of Queer Futurity*. New York: New York University Press, 2009.
- OLIVEIRA, J. M. O rizoma gênero: cartografia de três genealogias. e-cadernos CES, 15, 33-54, 2013. <https://eces.revues.org/962>
- OLIVEIRA, J. M. Hyphenations: the other lives of feminist and queer concepts. *Lambda Nordica*, 2014, p. 38-59.
- PINHO, A, & OLIVEIRA, J.M. O olhar político feminista na performance artística autobiográfica. *Ex aequo*, 27, 2013,p. 56-76
- SPIVAK, G. *An aesthetic education in the era of globalization*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2011.
- SPIVAK, G. *A Critique of Postcolonial Reason: Towards a History of the Vanishing Present*. Harvard University Press, 1999.
- STUTGENS, T. *In a QU\*A\*RE time and place: Post-Slavery Temporalities, Blaxploitation, and Sun Ra's Afrofuturism between Intersectionality and Heterogeneity*. Berlin: b-books, 2014

